

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

EVELIN ALMEIDA RODRIGUES

Dos loucos e dos sãos, dos olhares variados sobre a rua

Produto Jornalístico

Mariana
2025

EVELIN ALMEIDA RODRIGUES

Dos loucos e dos sãos, dos olhares variados sobre a rua

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Profa. Dra. Karina Gomes
Barbosa

Mariana
2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R696l Rodrigues, Evelin Almeida.
Dos Loucos e dos sãos, dos olhares variados sobre a rua.
[manuscrito] / Evelin Almeida Rodrigues. - 2025.
38 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Exclusão social. 2. Pessoas desabrigadas. 3. Política social. 4.
Reportagens e repórteres. I. Barbosa, Karina Gomes. II. Universidade
Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 304.4

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Evelin Almeida Rodrigues

Dos loucos e dos sãos, dos olhares variados sobre a rua

Projeto experimental apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo

Aprovada em 11 de abril de 2025.

Membros da banca

Dra. Karina Gomes Barbosa - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Hila Rodrigues - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Karina Gomes Barbosa, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30/06/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Karina Gomes Barbosa da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/06/2025, às 08:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0935821** e o código CRC **E9F36C4D**.

Àqueles que me permitiram adentrar em suas histórias e narrá-las a quem precisa de um novo olhar. E que nossos olhares sejam cada dia mais de reconhecimento e menos de indiferença. Por fim, que possamos chegar aos lugares de desejo em meio aos loucos, são e doidos variados.

AGRADECIMENTOS

Início este memorial agradecendo, não somente pela conclusão deste trabalho, mas por toda a minha jornada na graduação em Jornalismo. Vivemos dias difíceis no curso, que começam na pandemia, tivemos o período remoto e novas dinâmicas para adequação dos semestres, enfrentamos uma greve em 2024, e agora, em 2025, tenho a oportunidade e o espaço para agradecer todos aqueles que estiveram comigo e torceram por mim ao longo dessa trajetória, que não se finda com a conclusão deste trabalho.

Ao escolher o curso em uma cidade diferente da minha eu não tive dúvidas de que seria o caminho certo, pois tive pessoas que não me fizeram duvidar. À minha mãe e às minhas irmãs, as mulheres da minha vida que lutaram comigo, choraram comigo e riram comigo em cada momento desta caminhada. A todas aquelas que contribuíram para que esta passagem fosse mais leve, e não mais fácil. Morar em outra cidade, longe de todas as presenças importantes que compõem a minha formação como pessoa, foi de longe, essencial para crescer, sobretudo, sozinha. Saber crescer sozinha, mas com a sustentação de muitas.

A todos aqueles que fizeram parte deste caminho, que me marcaram de uma forma construtiva e positiva e àqueles com quem eu pude crescer ao lado também. Às minhas colegas e amigas de curso que sempre levarei comigo. A todas as minhas professoras e professores que me transformaram ao longo da graduação. A minha querida orientadora Karina Gomes Barbosa, a qual nada disso seria possível sem o seu apoio, conhecimento, técnica, profissionalismo e sensibilidade. Karina foi meu porto de segurança durante todos os momentos que eu pensei dar errado e a força para continuar mesmo diante os desafios. Cada pedaço deste projeto Karina se faz presente e sou eternamente grata por essa escolha e pela sua acolhida. À Universidade Federal de Ouro Preto, que transformou cada parte desse desafio em um eterno aprendizado.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que me permitiram compartilhar suas histórias e trajetórias de rua, a partir de um novo olhar, o olhar da rua. Pois é preciso que essas vozes sejam escutadas e contadas.

“Olhe nos meus olhos, eu sou ser humano”

(Anderson Lopes Miranda)

RESUMO

O memorial oportuniza a apresentação dos recursos teóricos e bibliográficos do processo de construção do livro de repórter *Dos loucos e dos sãos, dos olhares variados sobre a rua*, que reúne narrativas sobre histórias de vidas de pessoas em situação de rua, especialmente na cidade de Mariana, e entrelaça esses relatos à construção política e social que permeia a condição da rua e da política para as pessoas da rua. Aqui, estão dispostos todo o processo de apuração, pesquisa e condução da pauta, além do projeto gráfico, para dar vida ao livro. A parte teórica que permitiu a reflexão sobre a situação de rua foi ancorada em estudos de teóricas feministas que abordam a vulnerabilidade em suas amplas dimensões conceituais e práticas.

Palavras-chave: livro de repórter, vulnerabilidade, população em situação de rua, Centro POP

ABSTRACT

The memorial provides an opportunity to present the theoretical and bibliographical resources of the process of writing the book-report. “Of the crazy and the sane, of the varied views on the street”, brings together narratives about the life stories of homeless people, especially in the city of Mariana, and intertwines these stories with the political and social construction that permeates the condition of the street and the politics for homeless people. Here, they want the entire process of purification, research and management of the agenda, in addition to the graphic design, to bring the book to life. The theoretical part that allowed the reflection on the situation of homelessness was anchored in studies of feminist theories that address vulnerability in its broad conceptual and practical dimensions.

Keywords: book-report, vulnerability, homeless population, Centro POP

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - <i>Moodboard</i> de referências visuais	25
---	-----------

LISTA DE SIGLAS

- ADPF** – Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental
- CAPS** – Centro de Atenção Psicossocial
- Ciamp-Rua** – Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional para População em Situação de Rua
- CNAS** – Conselho Nacional de Assistência Social
- CNPJ** – Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
- CREAS** – Centro de Referência Especializado de Assistência Social
- CRAS** – Centro de Referência de Assistência Social
- GTI** – Grupo de Trabalho Interministerial
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ILPI** – Instituição de Longa Permanência para Idosos
- LOAS** – Lei Orgânica da Assistência Social
- MDHC** – Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania
- MDS** – Ministério do Desenvolvimento Social
- MNPR** – Movimento Nacional da População em Situação de Rua
- NOB SUAS** – Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social
- OAF** – Organização de Auxílio Fraternal
- PAIF** – Plano de Acompanhamento Familiar
- PNAS** – Política Nacional de Assistência Social
- PNPSR** – Política Nacional para População em Situação de Rua
- PNTC PopRua** – Política Nacional de Trabalho Digno e Cidadania para a População em Situação de Rua
- PSOL** – Partido Socialismo e Liberdade
- SAGICAD** – Secretaria de Avaliação, Gestão da Informação e Cadastro Único
- Sedese** – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social
- STF** – Supremo Tribunal Federal
- SUAS** – Sistema Único de Assistência Social
- UAI** – Unidade de Acolhimento Institucional
- UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais
- UFOP** – Universidade Federal de Ouro Preto

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REFLEXÕES SOBRE A RUA: ENTRE MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS	15
2.1 Centro Pop em Mariana.....	16
3. A HUMANIDADE NA VULNERABILIDADE	18
3.1 Livro-reportagem ‘de repórter’: caminhos alternativos de uma narrativa	21
4. O PRODUTO	25
4.1 Pauta Estendida.....	25
4.2 Aproximações e Encontros.....	26
4.3 Projeto Gráfico.....	27
5. DIÁRIO DE BORDO	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

Decido iniciar este memorial expondo parcelas da minha trajetória pelo Trabalho de Conclusão de Curso, que não começou com a escolha de um produto, e sim, uma monografia. No entanto, ambos trabalham em um mesmo campo temático específico: vulnerabilidade e pessoas em situação de rua. Confesso que fiz uma escolha arriscada em mudar a modalidade do meu trabalho faltando poucas semanas para finalizar a primeira parte. Ao chegar no final deste processo, entendi que era este o meu caminho.

Como resultado desta criação, apresento *Dos loucos e dos sãos, dos olhares variados sobre a rua*, livro-reportagem, ou livro de repórter, sobre histórias de vida de pessoas em situação de rua na cidade de Mariana, mas não somente. A escolha do tema das vulnerabilidades para a construção deste livro de reporter trouxe consigo uma série de desafios éticos, metodológicos e emocionais. Durante o processo, deparei-me não apenas com as complexidades inerentes à produção jornalística, mas também com questões pessoais, como a confrontação de meus próprios preconceitos e a necessidade constante de reflexão sobre o lugar de um repórter/jornalista ao narrar histórias de vidas marcadas pela precariedade, e ter, ao mesmo tempo, a sensibilidade necessária à escuta de um olhar humanizado.

Ao longo das disciplinas do curso, me lembro sempre de ouvir dos meus professores sobre a importância em conhecer e desfrutar a cidade que está à nossa volta, de transformá-la em nosso laboratório de experiências. Tomo para mim este espaço de contato com o outro, que culminou nesse conjunto de histórias de vidas sobre uma parcela da sociedade invisível e invisibilizada. Portanto, a obra propõe a perspectiva de um novo olhar sobre a rua, e especialmente, um novo olhar para as pessoas da rua. Para isso, explorei não apenas histórias pessoais, mas também as estruturas sociais e políticas que estão atreladas e são responsáveis pela manutenção de vulnerabilidades. Dialoguei com autores como Judith Butler, em especial sua obra *Quadros de Guerra* (2015), que discute a precarização da vida e os mecanismos de invisibilização de certos corpos e existências. A abordagem de Butler foi fundamental para compreender como as narrativas sobre vulnerabilidade podem ser construídas de maneira contrária à lógica da violência midiática reproduzida, ao reduzir uma pessoa em situação de rua a um caso perdido, vítima de uma suposta “fatalidade” cometida contra ela. A partir dessa inversão, o objetivo é não reproduzir esses estereótipos e romantizações, mas sim evidenciar a complexidade e a humanidade nessas trajetórias.

A estrutura do livro foi pensada para oferecer ao leitor uma experiência que vai além da simples exposição de histórias. Dividido em seis capítulos, o trabalho apresenta relatos pessoais, análises sobre a Política Nacional para a População em Situação de Rua e reflexões sobre a atuação de agentes e instituições que lidam diretamente com essa realidade. Cada capítulo foi construído com base em apurações detalhadas, entrevistas e observações, sempre buscando equilibrar a sensibilidade necessária para abordar temas delicados com o rigor jornalístico exigido.

Este memorial é parte da matéria prima de construção do livro de repórter e como se deu esse processo. Através de reflexões teóricas sobre a rua, “Reflexões sobre a rua: entre movimentos sociais e políticas públicas”, os desdobramentos entre a “Humanidade na Vulnerabilidade”, conflitos internos entre encontros e desencontros, além de todo o detalhamento do produto vocês encontrarão aqui o meu passo a passo na rotina de apuração, pesquisa e entrevistas.

No primeiro capítulo de reflexões sobre a rua, eu contextualizo o tema através de pesquisa documental sobre as políticas públicas voltadas para as pessoas em situação de rua e como se dão os avanços nessa área e na implementação do Centro Pop. Criado este contexto, aprofundo as análises sobre a rua para além da política no capítulo seguinte, intitulado *Humanidade na Vulnerabilidade*. As discussões são traçadas por base no conceito da vulnerabilidade e suas aplicações através das autoras Catriona Mackenzie, Wendy Rogers e Susan Dodds (2014) e Judith Butler (2015). Luiz Antônio Simas (2019), também entra em contexto na análise da sua obra *O corpo encantado das ruas*. Entre essas referências eu correlacionei a questão da humanidade sobre as perspectivas da vulnerabilidade. E para finalizar apresento a melhor solução para unir todos os propósitos apresentados e dar vida ao conceito de livro de repórter, baseado no livro-reportagem.

O capítulo quatro é dedicado aos desdobramentos técnicos da pauta e do produto em si, como o projeto gráfico, a pauta estendida, e os processos de encontros e desencontros durante a apuração. Todos os detalhes do livro de repórter estão inseridos, desde o tipo de abordagem das fontes até a elaboração do projeto gráfico. Para fechar, o diário de bordo é a culminância de todo o esforço da produção, em que detalho os meus dilemas pessoais e éticos, as dificuldades encontradas e os momentos difíceis, que no fim resultaram neste trabalho.

2. REFLEXÕES SOBRE A RUA: ENTRE MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS

As mobilizações populares em prol da população em situação de rua ganharam força a partir da década de 1980 no Brasil, junto às discussões emergentes sobre a necessidade de implementar e aprimorar políticas públicas assistenciais, segundo *Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro Pop* (2011). Nesse contexto, o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) surge em 2005, frente a uma série de reivindicações sociais e políticas que envolvem este grupo, lançado oficialmente durante o “4º Festival Lixo e Cidadania” (ORIENTAÇÕES TÉCNICAS, 2011, p. 16). O estopim ocorreu em 2004, entre os dias 19 e 22 de agosto, quando sete pessoas em situação de rua foram brutalmente assassinadas em São Paulo, na Praça da Sé, entre elas uma testemunha; e mais sete foram agredidas. Pensar na construção de uma política pública voltada para pessoas à margem da sociedade é entender que por trás de todo esse movimento político atuou antes um movimento social.

O MNPR foi peça fundamental no que se refere ao avanço do acesso aos direitos básicos para esta parcela da população, até então invisível. A busca pelo acesso aos direitos, prevista no Art. 5º da Constituição Federal: direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL, 1988, Art. 5º), das pessoas em situação de rua cresceu através dos movimentos e instituições mobilizadas em garantir o exercício da cidadania e condições dignas de vida. Apenas em 23 de dezembro de 2009 foi instituída a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPR), através do Decreto Nº 7.053. A PNPR visa garantir a integralidade do atendimento a esses direitos (BRASIL, 1988, Art. 5º), e tem como princípios:

I - respeito à dignidade da pessoa humana; II - direito à convivência familiar e comunitária; III - valorização e respeito à vida e à cidadania; IV - atendimento humanizado e universalizado; e V - respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência. (BRASIL, 2009, Art. 5º)

Entre 2007 e 2008, foi realizado o I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, publicado em 2009, *Rua: aprendendo a contar. Pesquisa Nacional da População em Situação de Rua*. Neste contexto, o I Censo abriu margem a uma série de especificidades e configurações sobre a “heterogeneidade dos modos de vida dessa população” (Orientações Técnicas, 2011, p. 25).

[...]considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (Decreto nº 7053/2009, art. 1º, Parágrafo Único)

As definições, consolidadas mediante o decreto, se expandem para um campo multisetorial, “saúde, educação, previdência social, de assistência social, trabalho e renda, habitação, moradia, cultura, esporte, lazer e segurança alimentar e nutricional” (Orientações Técnicas, 2011, p. 10), até então não explorado, além de servir como instrumento indicador de base para ampliação dos trabalhos dos centros especializados de atendimento, também implementados na época. “Procurou-se conhecer as características desses indivíduos em relação a um conjunto de aspectos considerados pertinentes para orientar a construção de políticas mais adequadas para o grupo em foco” (I Censo, 2009, p. 17).

O primeiro Censo fez a identificação de 31.922 pessoas em situação de rua no Brasil. Mais de 20 anos depois, os dados não estão consolidados e a população não domiciliada ficou fora das estatísticas (Censo do IBGE, 2022). Através de estimativa publicada em 2022 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o número supera a casa de 280 mil pessoas, com o agravamento da Pandemia de Covid-19, entre 2019 e 2022 houve aumento em 38% de pessoas que passaram a viver nas ruas.

2.1 CENTRO POP EM MARIANA

Em 30 de dezembro de 2005, a criação de programas voltados ao público em situação de rua fica a cargo da Assistência Social a partir da Lei nº 11.258, que altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, “Art. 23. II – às pessoas que vivem em situação de rua”. A Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais surge neste mesmo contexto de arranjos nas políticas assistenciais, voltadas para situação de rua. Esta nova resolução veio em novembro de 2009, a partir do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), complementando a PNPR, que aprova a estruturação dos serviços de baixa, média e alta complexidade da Proteção Social Básica e Especial. Surgem, pois, os serviços, programas e projetos tipificados para atuar em casos específicos de violação de direitos, especificados também nas Orientações Técnicas do Centro POP (2011, p. 38) e, em nosso caso, situação de rua.

Compreendemos, tendo em vista a série de implementações nas políticas assistenciais, que a primeira década dos anos 2000 foi dedicada à manutenção e conquista dos direitos da população em situação de rua, até então não colocados em prática no que tange aos interesses governamentais. Nesse sentido, a criação dos centros de referência especializados foram essenciais para integrar tais políticas, como forma de monitoramento e acompanhamento dos grupos em foco. Com isso, o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP) configura o serviço da Proteção Social Especial de Média Complexidade, que deve ofertar, obrigatoriamente, um atendimento especializado. Fica a cargo do Centro POP o acesso à alimentação, espaço para higiene pessoal, lavanderia, suprimindo parte das necessidades básicas, além de ser um ponto de referência e apoio para regularização de documentos, acesso aos direitos e como acessá-los (orientação técnica - centro pop). Uma equipe de referência do Centro POP deve conter, pelo menos, um coordenador, dois assistentes sociais, dois psicólogos, um técnico de nível superior e quatro profissionais para realização do serviço de abordagem social (quando ofertado pelo Centro, que não é o caso em Mariana).

Em Mariana, o Centro POP foi instituído no município de Mariana em maio de 2019 – até o presente momento não foi possível identificar a Lei ou Decreto Municipal que institui o centro.

3. A HUMANIDADE NA VULNERABILIDADE

A vulnerabilidade é uma condição inerente ao ser humano. Somos suscetíveis aos seus diferentes tipos e atravessados física, emocional e socialmente, por estar em constante interação com o outro, segundo Mackenzie, Rogers e Dodds (2014, p. 8). Em certa medida, escrever sobre vulnerabilidade foi um desafio posto desde o início do trabalho.

Ao ponto em que a vulnerabilidade surge, em uma de suas múltiplas concepções, como uma característica inerente do ser, deve-se considerar a condição provocada e trazer para o campo das instâncias governamentais, na falta do acesso aos direitos básicos – saúde, educação, moradia e lazer – tal condição. Portanto, “as formas como as desigualdades de poder, dependência, capacidade ou necessidade tornam alguns agentes vulneráveis ao dano ou à exploração por outros” (MACKENZIE, ROGERS E DODDS, 2014, p. 6, tradução livre).

Então, por que falar em vulnerabilidade quando se trata da população em situação de rua? Na mesma linha de garantia de direitos e implementações políticas, as situações de vulnerabilidade, de risco pessoal e social, são incluídas no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Falar sobre pessoas que vivem nas ruas é apresentar vulnerabilidades, e, conseqüentemente, a atuação do poder público mediante as questões emergentes deste grupo.

Posto isso, foram trabalhadas as diferentes manifestações de vulnerabilidades para entender que ela não é somente inerente ao corpo humano, mas provocada e condicionada politicamente. Para além das contribuições de Judith Butler (2015) na construção de uma linha teórica sobre a precarização da vida e as vulnerabilidades humanas, as autoras Catriona Mackenzie, Wendy Rogers e Susan Dodds (2014), em *Vulnerabilidade: Novos Ensaios em Ética e Filosofia Feminista* (tradução livre), também prestam uma análise cuidadosa e detalhada, servindo-me de base essencial para compreender este vasto campo conceitual.

Butler (2015, p. 15), por sua vez, propõe repensar ontologias do corpo que envolvem a “precariedade, a vulnerabilidade, a dor, a interdependência, a exposição, a subsistência corporal”. Essa reflexão foi fundamental para entender como os sujeitos se constituem em sociedade e como estão sujeitos a normas e moldes políticos que podem tanto proteger quanto excluir. As histórias de Wellington, Cleverson, Anderson, sujeitos centrais deste livro, são atravessadas por vulnerabilidades que vão além da condição individual. Elas refletem falhas estruturais, políticas públicas insuficientes e uma sociedade que, muitas vezes, nega a humanidade daqueles que vivem à margem.

Uma sociedade justa e democraticamente igualitária deve fazer mais do que proteger os seus cidadãos de vulnerabilidades humanas inevitáveis; deve desenvolver instituições sociais, econômicas, jurídicas e políticas que ajudem a promover o desenvolvimento das competências e capacidades de autonomia [...] (Mackenzie, 2014, p. 34)

Mackenzie (2014, p. 34) reforça que uma sociedade justa e democraticamente igualitária deve fazer mais do que proteger seus cidadãos de vulnerabilidades inevitáveis; deve desenvolver instituições sociais, econômicas, jurídicas e políticas que promovam a autonomia e a capacidade de agência dos indivíduos. A partir disso, entender as políticas públicas voltadas à população em situação de rua, como a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR), e suas limitações na prática, torna-se um passo essencial neste processo.

Ao ponto que as autoras Catriona Mackenzie, Wendy Rogers e Susan Dodds (2014) abordam as várias formas e sentidos da vulnerabilidade, Butler vai além ao estabelecer as formas de reconhecimento e apreensão de uma vida, não somente pautada pela vulnerabilidade, mas de que forma ela está inserida no processo de enquadramentos sociais e vice-versa. Tais enquadramentos são parte do processo que determina como reconhecemos uma vida e se de fato ela é reconhecida. Para entender melhor essa relação, Butler aponta que respondemos a tipos de violência com base em estruturas sociais que estão inseridas no contexto pessoal de formação de cada indivíduo e na formação de mundo, através da pergunta, “se uma resposta é sempre uma resposta a um estado percebido do mundo, o que faz com que determinado aspecto do mundo se torne perceptível e outro, não?” (BUTLER, 2015, p. 81). Isso implica, em partes, na forma como as pessoas em situação de rua são tratadas no contexto social e político. Em outras palavras: se eu não percebo essa pessoa no mundo, como ela se tornará visível para mim?

O corpo, na minha opinião, é onde encontramos uma variedade de perspectivas que podem ou não ser as nossas. O modo como sou apreendido, e como sou mantido, depende fundamentalmente das redes sociais e políticas que esse corpo vive, de como sou considerado e tratado, de como essa consideração e esse tratamento possibilitam essa vida ou não tornam essa vida vivível (Butler, 2015, p. 85)

Chamo esse movimento reflexivo de percepção e apreensão de vidas, de humanidade. A humanidade escondida entre essas duas palavras por Butler é o conceito que nos falta aqui. Acredito que estabelecer esse padrão de comparação é sobretudo falar da humanidade nas pessoas. Posso traduzir esse efeito provocado por Butler como a humanidade que falta e que

falha. Entender essa condição é, sobretudo, entender porque ainda há casos de violência contra pessoas em situação de rua e o porque ainda existem pessoas em situação de rua.

Esses desdobramentos foram essenciais para compreensão de porque algumas vidas são dignas de serem vividas e outras não, porque algumas são enlutadas e outras não, e porque algumas são reconhecidas como vidas enquanto outras não. Ao final deste processo, busquei lançar um olhar crítico sobre a vulnerabilidade, entendendo-a como uma condição humana, mas também como um produto das relações de poder e das estruturas sociais.

A obra de Luiz Antônio Simas, em *O corpo encantado das ruas* (2019), também serviu de grande aparato teórico para reflexões sobre pertencimento, lugar e referência no mundo. No capítulo seis do livro de repórter eu exploro partes de suas crônicas na associação do lugar de pertencimento, que traz como principal referência o samba *Meu Lugar*, de Arlindo Cruz. Intitulada *Áfricas*, a crônica é uma referência a construção histórica dos morros do Rio de Janeiro a partir de histórias não contadas, histórias que não são da coroa portuguesa invadindo o Brasil, e sim dos escravos advindos da África para o Brasil no século XVI. Aqueles que foram ocupando os morros e dando vida ao berço do samba.

De forma semelhante, no livro *Dos loucos e dos sãoos, dos olhares variados sobre a rua*, falamos sobre histórias não contadas. Simas retrata as ruas como espaços de memória, resistência e cultura, onde corpos e vozes marginalizadas constroem narrativas alternativas à história oficial. Essa perspectiva dialoga diretamente com a trajetória de vidas, muitas vezes, marcadas pela exclusão e violência.

Simas destaca a rua como um "corpo encantado", um espaço que abriga histórias, tradições e identidades. No capítulo seis do livro, a associação com o samba *Meu Lugar*, de Arlindo Cruz, reforça a ideia de que o pertencimento é construído a partir de vivências e afetos, mesmo em condições precárias. Enquanto o samba celebra um lugar de afeto e identidade, as histórias de Cleverson, Wellington e Anderson revelam uma rua que, para muitos, é um espaço de ausência e desenraizamento. Essa dualidade — entre o lugar acolhedor e o lugar de abandono — é central para entender como a rua é simultaneamente um espaço de resistência e de vulnerabilidade.

A crônica *Áfricas*, mencionada no capítulo, resgata a história, da mesma forma que o livro *Dos loucos e dos sãoos, dos olhares variados sobre a rua* busca escutar histórias ignoradas — as de pessoas em situação de rua, cujas trajetórias são marcadas por violações sistemáticas, como o relato de Anderson, estuprado aos 12 anos, ou o ataque brutal a Laudierley. Essas narrativas ecoam a teoria de Judith Butler em *Quadros de Guerra*, que questiona quais vidas são consideradas dignas de luto e reconhecimento. A invisibilidade

dessas histórias reflete um enquadramento social que naturaliza a exclusão. Essa reflexão teórica reforça a importância de narrativas que confrontam a invisibilidade, articulando obras como as de Simas e Butler para iluminar as contradições e potências das trajetórias de rua.

Os poucos relatos existentes sobre Oswaldo Cruz nessa época descrevem uma região rural, sem água encanada, luz elétrica e calçamento. As ruas eram cortadas por valões que dificultavam a passagem dos habitantes, obrigados a se locomover a pé ou a cavalo [...] Nesse bairro sem maiores atrativos, quase sem opções de lazer e um verdadeiro contraponto de um Centro da cidade que se embelezava em padrões europeus, a comunidade de Oswaldo Cruz se integrava pela festa e pela macumba. Construindo sociabilidades em torno das giras de umbanda, dos batuques dos sambas e das rodas de dança do jongo e do caxambu, oriundas dos negros bantos do vale do Paraíba, os moradores erigiam laços de pertencimento e identidade. (SIMAS, 2019, p. 29-31)

Pensar nessas estruturas de amarras entre as realidades das pessoas em situação de rua é pensar, pois, na presença política, seja de forma direta ou indireta, na conservação de vulnerabilidades enquadradas. O livro de repórter foi pensado para não trabalhar em favor desses moldes, mas entendê-los como parte do processo de percepção de uma vida e, a partir daí, poder oferecer outras visões sobre o que aquele ser humano tem a dizer.

3.1 LIVRO DE REPÓRTER: CAMINHOS ALTERNATIVOS DE UMA NARRATIVA

O gênero livro-reportagem foi desmembrado a partir das contribuições teóricas de Edvaldo Pereira Lima, ao definir o percurso norteador para a compreensão do livro-reportagem no jornalismo. “A ausência de conceitos precisos, mais a carência de referência acadêmica ao livro-reportagem, em caráter de abordagem aprofundada, levam este autor a desenvolver este livro trabalhando dois aspectos essenciais” (LIMA, 2009, p. 7). Este movimento foi necessário uma vez que ao longo da construção da narrativa eu ainda não havia encontrado um padrão que se encaixasse ao meu desejo de estrutura e escrita.

Para tanto, Lima faz o caminho inverso ao se debruçar nos pontos primordiais do jornalismo, no que se refere ao “segmento da comunicação de massa, exerce a função aparente de informar, explicar e orientar” (LIMA, 2009, p. 11), até chegar ao conceito de reportagem como uma extensão da notícia, “ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual” (LIMA, 2009, p. 18).

O autor estabelece uma definição conceitual do livro-reportagem como “o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude

superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (LIMA, 2009, p. 26). Oferece, portanto, uma reflexão ímpar, que vai além da produção em massa da notícia ou mesmo das reportagens e grandes reportagens, e apresenta a horizontalização e verticalização da narrativa como uma extensão e desdobramento dos fatos. Com isso, expande o campo de atuação do jornalista nas produções que beiram a literatura e o jornalismo.

Em contrapartida, apresento uma breve reflexão do conceito “livro de repórter”, que utilizei para guiar meus trabalhos, a partir do *Livro de repórter: autoralidade e crítica das práticas* (2019), e de que forma essa vertente, ou novo olhar, se relaciona nesta produção. Como suporte a esta noção de livro (e) reportagem, o “livro de repórter” surge em evidência como parte de minhas pesquisas na busca por uma escrita alternativa dentro da produção jornalística.

Em busca de uma escrita que toque a apuração sensível, principalmente, de uma escuta sensível, dentro do jornalismo, utilizo alguns preceitos evidenciados pelas autoras Marocco, Zamin e da Silva (2019), junto as contribuições de Lima (2009). Apoiado a isso, o “livro de repórter” é uma reflexão acerca da escrita jornalística extensa e aprofundada nos livros-reportagem e grandes reportagens. Cria-se, pois, uma alternativa – ou mesmo nova interpretação – ao jornalismo hegemônico e etnocêntrico, com a efervescência de jornalistas que escrevem livros e deixam de ser parte de uma autoralidade coletiva e passam a ser o autor (MAROCCO, 2019, p. 49), a partir de uma escritura que foge aos padrões convencionais das práticas jornalísticas.

Atrás de compreender as dimensões do livro de repórter, surgem conceitos sobre o papel do autor na obra, amarrado ou não a sua carreira como jornalista e enquanto parte de um coletivo de produção, ou seja, de uma redação. Para tanto, coube a mim esmiuçar os preceitos que melhor se adequaram à minha realidade no livro. Procurei estender os conceitos sobre o “Outro” como característica primordial para o avanço desta produção. “Daí conservarmos a expressão livro de repórter, enquanto essa designa um tipo de autoria individual afastada do ethos profissional e da autoria coletiva própria do tempo e do espaço do jornalismo” (MAROCCO, 2019, p. 63). Sem ter a experiência de trabalhar em uma redação, pelo menos até o momento que marca o início da minha carreira como jornalista, o livro de repórter se enquadra em uma categoria de autores que vai além da produção sistemática noticiosa, parte do “desejo ativo de escutar e dar atenção às possibilidades alternativas” (MAROCCO, 2019, p. 65).

Esse desejo de ir além de um perfilado ou mesmo do livro-reportagem abriu margem para entender a necessidade de mais produções como as referenciadas pelas autoras aqui em

questão. O livro de repórter se faz urgentemente um instrumento essencial para rompermos com produções cada vez mais instantâneas e noticiosas e dar lugar a novas significações para além da verdade jornalística e da objetividade. “As fontes de que se vale o livro de repórter, ao contrário, são pouco reconhecidas publicamente e exigem mais tempo para localização e apuração” (MAROCCO, ZAMIN, DA SILVA, 2019, p. 43).

Em suas teses de mestrado e doutorado, Marcia Veiga da Silva (2019) no capítulo intitulado *Trajetórias de vida como ingrediente de práticas jornalísticas afeitas à alteridade*, expõe e articula sobre os resultados de suas pesquisas realizadas com estudantes de jornalismo e profissionais na área a fim de compreender de que forma o hegemonismo no jornalismo atravessa as produções noticiosas. “Em ambas as pesquisas, mestrado e doutorado, chamou a atenção o quanto os regimes de poder-saber permeiam as formas de conhecer do jornalismo” (DA SILVA, 2019, p. 262)

O objetivo dessa pesquisa é conhecer práticas jornalísticas menos etnocêntricas, mais afeitas ao encontro com o Outro (em especial aqueles considerados à margem da sociedade) a partir da escuta da história de vida de jornalistas reconhecidos pelo desempenho destas práticas. (DA SILVA, 2019, p. 257)

Nesse ínterim, as reflexões da autora se aliam a Reges Schwaab e Angela Zamin (2019, p.233), ao explorar no capítulo *O jornalista e o Outro: sobre os vestígios da sondagem e da escrita*, o outro em relação ao tempo e espaço, atravessando a cronologia noticiosa ao dar profundidade ao contexto, independentemente de estar no passado ou presente, mas entender que “A narrativa é a possibilidade do discurso estendido sobre a ação, permitindo falar de coisas que acontecem não apenas no tempo, mas também ao longo do tempo, incluindo causas e consequências, mesmo que distantes cronologicamente”(SCHWAAB, ZAMIN, 2019, p. 241). Portanto, o livro de repórter se consolida não apenas como um produto jornalístico, mas como um espaço de resistência narrativa, onde a apuração sensível e a escuta atenta permitem a construção de histórias que desafiam as lógicas tradicionais do jornalismo. Enquanto o livro-reportagem, conforme definido por Lima (2009), amplia a dimensão contextual da notícia, o livro de repórter avança ainda mais, incorporando uma autoralidade marcante e um compromisso com a alteridade, como destacam Marocco, Zamin e da Silva (2019).

Essa abordagem se mostra ainda mais relevante em um cenário midiático marcado pela velocidade e pela superficialidade, onde narrativas marginalizadas muitas vezes são negligenciadas. Ao priorizar fontes menos óbvias e tempos de apuração mais dilatados, o livro de repórter resgata a potência do jornalismo como ferramenta de compreensão do mundo, e não apenas de transmissão de fatos. Como apontam Schwaab e Zamin (2019), a narrativa jornalística ganha profundidade quando permite explorar causas e consequências distantes no tempo. Dessa forma, o livro de repórter não apenas se diferencia do livro-reportagem por sua autoralidade e estilo, mas também por sua função social: ele se coloca como um contraponto ao jornalismo hegemônico, abrindo espaço para vozes silenciadas e histórias que demandam um olhar mais atento e menos preso às convenções tradicionais do jornalismo. Se o livro-reportagem aprofunda a notícia, o livro de repórter a reinventa, transformando-a em uma experiência literária e humanizada, onde o jornalista assume, de fato, o papel de autor.

Assim, ao optar por essa vertente em minha produção, busco não apenas seguir os preceitos teóricos aqui expostos, mas também contribuir para um jornalismo que valorize a subjetividade, a escuta e a complexidade das histórias — um jornalismo que, mais do que informar, seja capaz de tocar, questionar e ressignificar.

4. O PRODUTO

No dia 20 de janeiro de 2024 eu decidi iniciar meu produto. Construir um livro de repórter sobre histórias de vidas não contadas sobre as pessoas em situação de rua na cidade de Mariana. Para a construção da pauta estendida pretendo contextualizar alguns dos motivos que me levaram a esta escolha. A minha trajetória com o tema vem de uma experiência profissional que eu tive a oportunidade de abraçar no início da minha graduação no curso de jornalismo. Em meu terceiro período de curso, no ano de 2022, mais especificamente em maio, eu comecei a estagiar na Prefeitura de Mariana, no Departamento de Comunicação, da Secretaria de Governo. Comecei prestando a assessoria como apoio para a Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania (Sedesc). Ao longo deste tempo, fui conhecendo a dinâmica e equipamentos da secretaria, além de desenvolver muitas habilidades no campo de assessoria de comunicação, tomei particular carinho e gosto pela assistência social.

Dado o contexto, digo que pude aprofundar o meu conhecimento sobre a assistência social e a vulnerabilidade, especificamente. Nesta pequena parcela de conhecimentos apreendidos – pelo fato de também exercer outras funções que não envolvem diretamente a secretaria – tive a oportunidade de compartilhar o outro lado da moeda. No sentido de entender os processos burocráticos e institucionais por trás dessas tantas vidas assistidas pela secretaria.

O livro de repórter é a soma dessas experiências adquiridas em Mariana e no jornalismo, uma vez que me permite maior flexibilidade em tratar de um tema não convencional, e parte da vontade em produzir uma escrita mais livre, fora de algumas amarras tradicionais características do jornalismo.

O principal desafio em conseguir definir e delinear a estrutura do livro é a abordagem com as fontes quanto a aceitação em compor o livro, doando parte de sua história de vida neste processo. Por isso, decidi iniciar as abordagens com as fontes através do Centro POP, o qual eu já possuía um contato com a coordenação e um entendimento sobre a dinâmica do espaço.

4.1 PAUTA ESTENDIDA

A decisão de produzir um livro-reportagem, ou livro de repórter, sobre histórias de vidas não contadas da população em situação de rua nasceu de uma combinação entre experiência profissional e inquietação jornalística. Durante meu estágio na Prefeitura de

Mariana, na Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania (Sedesc), tive contato com a realidade da assistência social e percebi o abismo entre a burocracia institucional e as histórias reais por trás dos números. Esse livro surge como uma nova proposta de escutar quem muitas vezes é reduzido a estatísticas ou estereótipos.

A escolha pelo formato livro de repórter, como já foi explorado, se deve à liberdade que ele oferece para explorar narrativas complexas, combinando rigor jornalístico com sensibilidade literária. O desafio central foi estabelecer uma abordagem ética e respeitosa com as fontes. Por isso, o trabalho de campo foi essencial. Cleverson e Wellington, capítulo um e quatro do livro, foram duas pessoas em situação de rua entrevistadas por mim e a aproximação se deu de forma orgânica, nos espaços que eles já frequentavam: praças, o Centro POP, o Terminal Turístico, a porta do restaurante Lafayette. Esses locais não eram apenas pontos de encontro, mas parte fundamental da história que eu queria contar. A rua, mais do que um cenário, era também um personagem.

A estrutura do livro mescla perfis individuais com um panorama social. Cleverson e Wellington, dois personagens centrais, têm suas trajetórias detalhadas em capítulos que alternam entre diálogos diretos – marcados pelo travessão – e reflexões mais extensas, em itálico e com recuo, que permitem aprofundar contextos. Além deles, o livro traz breves relatos de outras pessoas em situação de rua, sempre com o cuidado de não expor identidades quando isso pudesse gerar vulnerabilidade. O projeto gráfico, desenvolvido em parceria com o diagramador Pedro Hudson e a ilustradora Helen Almeida, foi pensado para reforçar essa dualidade entre visibilidade e proteção. Optamos por ilustrações em vez de fotografias em certos casos, buscando representar a humanidade das personagens sem cair no sensacionalismo. A capa, com um olhar sorrindo, simboliza a potência dessas vidas muitas vezes ignoradas.

Ao longo do processo, precisei lidar com dilemas éticos constantes. Como retratar a realidade sem revitimizar? Como garantir que as histórias fossem contadas com dignidade? Essas perguntas guiaram decisões editoriais, desde a escolha das palavras até a diagramação.

4.2 APROXIMAÇÕES E ENCONTROS

Normalmente quando temos em vista uma fonte é comum entrarmos em contato por telefone, via email, WhatsApp ou algum canal de comunicação. Quando possível, e mais aconselhado, o encontro é pessoalmente, por videoconferência, ou em últimos casos por email. São processos comuns na rotina de um jornalista ao pensar na pauta: como chegar até a

fonte? Essa pergunta faz total diferença neste contexto. Ao lidar com pessoas em situação de rua, a questão principal e inicial a ser pensada é em como abordar a pessoa. Estamos falando de pessoas que não possuem uma casa, normalmente nem telefone e muito menos uma internet para abrir uma chamada de vídeo.

O “ir a campo” foi literalmente parte da minha rotina de entrevistas, encontros e conversas. Procurei me adaptar aos espaços que Cleverson e Wellington estavam acostumados a ficar e entender melhor a dinâmica a partir dos lugares. Não foi um trabalho de acompanhamento contínuo de várias horas, até porque não tenho o preparo adequado para esta atividade trabalhando sozinha. A abordagem social, que inclusive é um serviço tipificado dentro da Política Nacional para População em Situação de Rua (PNPSR), requer uma aproximação técnica de profissionais especializados e capacitados para tal função. Por isso, os encontros duravam apenas algumas horas nos locais em que eles mais costumavam ficar.

Os primeiros encontros com Wellington foram na porta do restaurante Lafayette, onde eu o via quase todos os dias, por ser o caminho do meu trabalho. Isso facilitou meu contato e a partir dali pude observar melhor sua rotina, seus modos de convívio e também a sua solidão. Cleverson eu encontrava pela cidade. A maior parte do tempo ele passava no Centro POP ou no Terminal Turístico. Por ser um ponto que também era caminho para meu trabalho, diversas vezes o enxergava de longe no terminal. A nossa conversa aconteceu em três lugares no centro histórico. Começou na Praça Gomes Freire, no Jardim, depois fomos andando para a porta da padaria Lafayette e por fim terminamos na praça ao lado do Terminal Turístico. Estar nos locais é o que dá sentido à pauta, mesmo que não seja de forma contínua.

A partir desses momentos, eu comecei a perceber um olhar mais atento ao meu redor. Já tinha mapeado mentalmente as mesmas pessoas que costumavam ficar em determinados pontos da cidade e a perceber os seus hábitos também. Esse processo foi decisivo para um novo olhar para as pessoas da rua e para a rua em si.

4.3 PROJETO GRÁFICO

Como criar um produto que transmita a essência da obra sem limitá-la ou mesmo enquadrá-la em ideais de preconceito? Essa foi a minha principal preocupação e maior atenção ao pensar no projeto gráfico do livro, ao lado do diagramador Pedro Hudson e da ilustradora Helen Almeida. Eu tive esse cuidado ao definir as ideias para o projeto que unisse uma identidade visual simples, para não perder a atenção das narrativas e com uma capa em potência. A ideia inicial era conseguir fotografar todas as pessoas das narrativas e alguns

elementos essenciais para contribuir na composição da obra, mas pela dificuldade de abordagem em alguns casos não consegui fazer fotos de todos. Por isso, uma capa potente e capaz de traduzir o livro em apenas um olhar ganhou vida com o trabalho da ilustradora Helen Almeida.

Ao longo do projeto muitos dilemas surgiram sobre expor ou não as pessoas das narrativas. De um lado, a necessidade de não invisibilizar vidas e reafirmar suas histórias, de outro, não torná-las mais vulneráveis e expostas. Acredito ter chegado a um meio termo que atenda as duas partes. Para acompanhar parte do processo foi criado um *moodboard* de apresentação das referências de capa, fonte e paleta de cores utilizadas como inspiração e parte da composição final da identidade visual.

Para a capa, a proposta era de que transmitisse, sobretudo, a vida, a humanidade, a sensibilidade, e nada melhor do que um “olhar sorrindo”, que partiu da ilustradora Helen Almeida. Uma capa forte, afirmativa e, ao mesmo tempo, leve. A escolha das cores foi uma etapa crucial na representação da proposta do livro, exemplificada no *Moodboard*. A partir da referência da capa do livro *Quadros de Guerra* de Judith Butler encaixamos a paleta predominante marrom com a cor proposta na capa de Butler em um tom laranja abóbora.

A abertura dos capítulos é identificada pelo título e uma prévia explicativa sobre o capítulo, além de uma frase das pessoas entrevistadas, escolhida para traduzir a essência da narrativa que virá adiante. A nomeação de cada capítulo se deu de forma simples e que captasse a mensagem principal passada.

As fontes utilizadas foram Bebas Neue para os títulos e Minion para o corpo do texto, pensadas para proporcionar uma leitura limpa e fluida. Os diálogos foram determinados entre dois padrões a partir do tipo da conversa, pensados por Pedro: diálogo direto, marcado pelo travessão, e diálogo estendido, com uso de recuo e itálico. Assim, quando há uma extensão na fala, o leitor pode facilmente identificar esses recursos. Como inspiração para a fonte em evidência nos títulos contamos com a trilogia do médico e escritor Drauzio Varella: *Estação Carandiru* (1999), *Carcereiros* (2012) e *Prisioneiras* (2017).

Figura 1 - Moodboard de referências visuais



Fonte: criação pessoal da autora

5. DIÁRIO DE BORDO

Se eu pudesse resumir toda a trajetória de construção, apuração e pesquisa deste livro de repórter em uma palavra, com toda certeza seria: desafio. De uma forma positiva, os desafios que me atravessaram neste processo tiveram como resultado uma produção única, sensível, forte, dolorosa, rica e muito bonita. As primeiras dificuldades começaram na troca de uma monografia para um produto quase no final do TCC 1. Não tinha praticamente nada encaminhado sobre o produto, já faltando algumas semanas para a primeira banca. A partir dali, dediquei aquele tempo restante a esboçar o livro e trabalhar no memorial, desde o meu objetivo principal: contar histórias de vidas não contadas de pessoas em situação de rua; como eu faria para conectar essas histórias, e ao mesmo tempo oferecer uma nova perspectiva sobre a rua.

A minha experiência trabalhando na prefeitura, como disse anteriormente, fez com que eu me aproximasse mais do Centro Pop e o caminho foi, em parte, mais fácil. O Cleverson foi uma das pessoas de que eu mais me aproximei durante as pautas do trabalho, confesso que ele foi o grande responsável por despertar o interesse do livro em mim. Eu o via fazendo artesanato em bonecas de papel a partir de folhas de revista e jornal no Centro Pop e automaticamente tentava buscar possíveis histórias na minha mente para entender a situação de rua na sua vida. “Como ele foi para a rua”, “O que ele tem para contar por trás dos quadros da rua?”, “Quem são essas pessoas e quais as suas histórias de vida”, foram algumas das minhas inquietações. Cleverson sempre transmitiu muita empatia e carinho comigo, falava que ia fazer uma boneca para me presentear, e assim nasceu uma relação muito positiva. Eu sabia o que iria fazer a partir daquele momento, escutar sua história e poder contá-la, assim como de outras pessoas que estavam na situação da rua. Quando decidi fazer o livro, foi ele o meu primeiro pensamento e o primeiro convite para construir aquele projeto.

A partir dali comecei a estruturar os capítulos e ir ao encontro de novas histórias, já no TCC 2. Se faz necessário contextualizar que entre os períodos a UFOP entrou em greve. Com as atividades paralisadas e o semestre modificado, me dediquei em aprofundar as pesquisas e encontrar novas pessoas. A ordem dos capítulos foi pensada estrategicamente para proporcionar uma leitura fluida que não ficasse pesada, dividindo as histórias das pessoas da parte de pesquisa documental. Decidimos mesclar entre um e outro, abrindo com Wellington.

Passei a frequentar toda semana o Centro Pop e me aproximar de Paolla também, coordenadora do serviço. Eu e Karina, minha orientadora, decidimos não definir uma

quantidade de pessoas para entrevistar pela dificuldade na abordagem. Processo esse que foi detalhado acima. Especialmente quando se trata de uma pessoa em situação de rua a abordagem muda completamente. Foi um trabalho que exigiu muita cautela, cuidado, paciência e flexibilidade. Lembro de Karina sempre pontuando sobre a não tradicionalidade das fontes e a importância de achar a melhor forma de conduzir a entrevista. Por isso, optei por não ir com perguntas prontas. Pode parecer um tanto estranho o fato de não ir “preparada” para uma entrevista, mas foi de longe a melhor decisão. A escolha foi justamente pelo fato de que eu não sabia o que iria encontrar e ouvir, e essa era a ideia central. Estava aberta para ouvir aquilo que eles me desejassem contar, e não para conseguir informações sobre um determinado assunto. Claro, eu tinha ideias na cabeça e um objetivo, mas a condução não seria da forma tradicional, pergunta-resposta.

Minha primeira entrevista aconteceu com Wellington, e não Cleverson. Conheci Wellington na porta da antiga unidade do Centro Pop, na Rua Frei Durão. Ele estava com Cleverson, e interagimos nós três. No final da conversa eu saí com uma entrevista sua para marcar e seu artesanato na mão. A partir dali passamos a nos encontrar na porta do restaurante Lafayette, onde ele gostava de ficar para fazer seus artesanatos. Eu sempre passava por lá, pois era caminho do meu trabalho, então quase todos os dias conversava com ele. Era final de março, durante o feriado da Semana Santa, sentamos na porta do restaurante Lafayette e por lá ficamos em torno de duas horas. Ele se abriu e me contou algumas histórias da sua vida. O primeiro ponto alto entre as entrevistas foi quando ele me relatou ter pulado da ponte e ficado preso 20 anos por tentativa de feminicídio contra duas ex-companheiras. Foi uma conversa fluida e muito tranquila, apesar do peso das histórias. A relação com Wellington no geral, entre todos, foi a de mais contato, com quem eu pude me aprofundar mais. É uma história que retrata, sobretudo, sua vida em transformação e que mostra um lado a mais da rua.

Na sequência dos capítulos, o segundo é dedicado à história das políticas públicas para pessoas em situação de rua. Partiu de uma necessidade, definida previamente, em oferecer diversos lados, facetas, quadros e enquadramentos da rua e das pessoas da rua. Por isso, representou o capítulo, posso dizer, mais complexo e técnico do livro. Fiz e refiz ele algumas boas vezes até conhecer Anderson, uma história que vou contar adiante. Para me embasar teoricamente foi necessário uma detalhada pesquisa documental da Política Nacional para Pessoas em Situação de Rua (PNPSR), refazendo os caminhos desde sua construção e implementação, até chegar no momento atual. Tanto no capítulo dois, quanto no três, tive essa mesma dificuldade, contar uma história sem deixá-la técnica e engessada demais. Trouxe relatos de Paolla e Débora, coordenadora e técnica de referência do Centro Pop, para o

capítulo dois, mas ainda sim não tinha chegado onde desejava. No três, me aprofundei nas experiências de Paolla e Débora no dia a dia em um Centro Pop. Também não funcionou. Karina me orientou a procurar alguma fonte especialista na política, ou alguém do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDH) para narrar àquela história. Quando cheguei à conclusão de que não poderia fazer muita coisa e já próximo ao fechamento do livro, encontrei Anderson por acaso.

Anderson Lopes Miranda é peça fundamental nesta história e conta como surgiu a PNPSR através dos movimentos sociais. Atualmente ele é o coordenador do Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional para População em Situação de Rua (Ciamp-Rua), dentro do MDH. Eu o achei em uma entrevista concedida para um estudo publicado pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS). Anderson é a primeira pessoa com trajetória de rua a ocupar um cargo de coordenação dentro de um ministério. Assim que eu li a entrevista já comecei a procurar mais informações dele até chegar na conta no Instagram. Estava sem tempo para seguir os protocolos de enviar um email e esperar dias ou até meses para um retorno formal, e me arrisquei a mandar mensagem por lá mesmo. A primeira tentativa foi no dia 16 de fevereiro e, sem mais esperanças de respostas, recebi seu retorno no dia 5 de março. Em um termo bem clichê, foi a cereja do bolo. Era a história que faltava para dar vida ao capítulo dois, e dar vida ao livro também. A história de Anderson é marcada pela superação, é uma trajetória de muita força, determinação e luta pelos seus ideais.

Encontrar com Cleverson foi um desafio que me testou muitos limites emocionais. Durante toda a produção, tive mais desencontros do que encontros com ele. Apesar de ter sido o primeiro contato e a ideia central, conseguimos conversar apenas uma vez. Falar de Cleverson também é um desafio pessoal. A partir dele conheci um outro lado da rua, um lado que, por muito tempo, ao longo do processo, eu evitei. Ele me mostrou uma outra realidade das ruas. Não que Wellington não tenha me mostrado isso. A partir deles eu entendi que a rua nos mostra vários lados, uns menos bonitos que outros. Cleverson passou por alguns períodos sumido, em outros eu o encontrava no Terminal, normalmente sob o efeito do uso de álcool, como ele me relatava. Por isso, foi um dificultador em conseguir seguir uma linha de diálogo com ele. E foi quando as falas da Karina tiveram mais peso, sobre não ser uma fonte tradicional e uma história de lacunas. Demorei a entender e aceitar isso. Cleverson entra no capítulo quatro.

No capítulo cinco eu exploro um outro lado da rua, que não envolve diretamente a política ou histórias de pessoas da rua. O conceito da caridade é uma expressão atrelada às

causas da rua, e nele mostro a história da Casa da Sopa Tia Lica em Mariana. Uma instituição de caridade que funcionou por mais de 50 anos com a distribuição de comida para as pessoas “carentes”. Quem me conta essa história é Teresa, assistente social que contribuiu para o voluntariado durante muitos anos. Na maioria das vezes a caridade está relacionada a instituições da Igreja Católica, e nasceram muito antes de políticas voltadas para o público.

“O que a rua significa para você?” Eu fiz essa pergunta para todas as pessoas que entrevistei, e foi o único questionamento que decidi levar para as conversas. Porque não bastava eu ter escutado tanto sobre histórias de vida da rua e como eram as políticas públicas se eu não entendesse o que a rua significava para cada uma dessas pessoas. Ouvi muitas respostas diferentes sobre a rua, olhares novos da rua, olhares bonitos e olhares cruéis, dolorosos, olhares de quem escondia o sofrimento vivido, olhares de armadura, olhares de reconhecimento e da necessidade de ser reconhecido, de ser olhado nos olhos. “Me olhe nos olhos, eu sou ser humano”, Anderson me disse. E quando eu ouvi essa frase mudou tudo. Foi uma frase que me tocou e mudou minha percepção sobre a rua. Foi a frase que eu quis usar para o título do livro, mas que por uma decisão minha e da Karina, não colocamos. Então, para fechar, após esse conjunto de histórias políticas e não políticas, histórias de movimentos sociais e movimentos de caridade, e sobretudo, histórias de vida, eu apresento “Ruas de Todos”. Um capítulo dedicado a explorar os múltiplos significados da rua. Foi um capítulo que resolvi escrever no final, pois necessitava de uma abordagem diferente e única daquilo que eu vinha construindo. Por isso, era necessário reunir uma bagagem de tudo que aprendi e ouvi sobre a rua. É uma parte dessa história construída com o coração, com a união de todos os aprendizados ao longo desse processo. Optei por uma abordagem sensível a partir de comparações com outros aspectos sobre a rua, como autores que tenham estudado esse campo. Por isso, utilizei, principalmente, a obra de Luiz Antônio Simas em *O corpo encantado das ruas*, que é inspirada em João do Rio e sua obra *A alma encantadora das ruas*, para trazer alguns elementos marcantes dentro de suas crônicas, como a música de Arlindo Cruz, “Meu Lugar”.

O título do livro, *Dos loucos e dos sãos, dos olhares variados sobre a rua*, nasce de Anderson Lopes Miranda. Muito diferente do primeiro título “(Re)construções sobre a rua: um livro-reportagem sobre histórias de vidas à margem”, que ainda não tinha uma abordagem aprofundada sobre a rua. Essa frase foi a resposta da pergunta que fiz sobre a rua, e que traduz em boa medida esse universo. No final, Anderson, Cleverson, Wellington, Paolla, Débora e Teresa me mostraram que a rua pode assumir várias formas.

Escrever sobre pessoas em situação de rua e sobre a rua foi sim um desafio, que testou muitos limites em mim, que diziam sobre a minha profissão e eu ainda não conhecia. Na mesma medida, foi libertador conseguir chegar a um conteúdo com a sensibilidade necessária e ainda sim transmitir uma abordagem jornalística estruturada. Passei por momentos em que tive de me abrir e assumir amarras de preconceitos que estavam em mim e entender que fazia parte do processo. Passei por momentos tão pesados de escuta e leitura, que as palavras me faltaram. Em que eu simplesmente falei para a Karina que aquele era meu limite, não tinha palavras para descrever determinados assuntos. Esse livro trata, sobretudo, de transformações e novos olhares que eu tive a oportunidade de enxergar, “ver com outros olhos” e entender até onde a humanidade pode chegar dos dois lados, bom e ruim.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de produção chegou ao fim, mas as histórias dessas pessoas não, bem como de tantas outras que não possuem a mesma oportunidade de fala. O livro não pretende esgotar o tema, até porque isso seria impossível, mas oferecer um retrato sensível de uma realidade que muitos preferem não ver. No fim, mais do que um produto jornalístico, ele se tornou o registro de um aprendizado pessoal: sobre a cidade, sobre o jornalismo e, sobretudo, o que significa realmente escutar alguém. Escutar pessoas em situação de rua e poder escrever sobre este tema é uma porta de entrada para entender os limites entre a humanidade e a vulnerabilidade. Sobretudo, entender como a política opera para a manutenção dessas vidas tornarem-se vulneráveis e não serem reconhecidas como vidas dignas de serem vividas.

Das lições aprendidas, percebo o quanto uma produção jornalística sensível é cada vez mais necessária, que vá além dos “olhares treinados” em preconceitos, além de mais uma notícia sobre violência contra a pessoa em situação de rua, e além de mais do que um dado no Cadastro Único. Este memorial é o reflexo desta produção minuciosa que traduz os encontros e desencontros, os dilemas éticos, como a teoria foi aplicada e cada escolha pensada para torná-lo único.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Política Nacional para População de Rua. Decreto Nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Brasília (DF), 2009. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm>. Acesso em: 20 jan. 2024.

Brasil registra mais de 6 mil violações contra pessoas em situação de rua nos primeiros quatro meses de 2024. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 01 de maio de 2024.

Disponível em:

<<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/maio/brasil-registra-mais-de-6-mil-violacoes-contra-pessoas-em-situacao-de-rua-nos-primeiros-quatro-meses-de-2024>>. Acesso em: 2 de fev. de 2025.

BRASIL. Decreto nº 11.472, de 1º de setembro de 2023. Dispõe sobre a Política Nacional para a População em Situação de Rua. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 set. 2023.

Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Decreto/D11472.htm> . Acesso em: 17 de mar. de 2025.

BRASIL. Decreto nº 9.894, de 27 de junho de 2019. Altera o Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 jun. 2019. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9894.htm> . Acesso em: 17 de mar. de 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome; Secretaria de Avaliação, Gestão da Informação e Cadastro Único. Cadernos de Estudos: População em Situação de Rua – Conceitos, Métodos de Contagem e Políticas Públicas. Brasília, DF, n. 37, 2024. 200 p. Capítulo 5: Primeira Aproximação Metodológica para um Censo Nacional da População em Situação de Rua, p. 82 - 96.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos (MDH). Plano Nacional Ruas Visíveis.

Disponível em:

<<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/plano-nacional-ruas-visiveis.pdf>> . Acesso em: 9 de fev. de 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal (STF). ADPF 976 MC 1. Disponível em:

<<https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADPF976MC1.pdf>> . Acesso em 9 de fev. de 2025

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). Rua: Aprendendo a Contar.

Disponível em:

<https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/livros/rua_aprendendo_a_contar.pdf> . Acesso em: 15 de ago. de 2024.

BUTLER, Judith. Introdução. In: BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p.13-55.

BUTLER, Judith. Capacidade de sobrevivência, vulnerabilidade e comoção. In: BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p.57 -97

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p, 14

CUNHA, Júnia Valéria Quiroga da; RODRIGUES, Monica. Rua: aprendendo a contar. Pesquisa nacional sobre população em situação de rua. In: **Rua: aprendendo a contar. Pesquisa nacional sobre população em situação de rua**. 2009, p. 17-41.

CUNHA, Júnia Valéria Quiroga da; RODRIGUES, Monica. Rua: aprendendo a contar. Pesquisa nacional sobre população em situação de rua. In: **Rua: aprendendo a contar. Pesquisa nacional sobre população em situação de rua**. 2009, p. 41-65 .

DA SILVA, Marcia Veiga. Trajetórias de vida como ingrediente de práticas jornalísticas afeitas à alteridade. In: MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; DA SILVA, Marcia. Livro de Repórter: autoralidade e crítica das práticas. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019, p. 257–278.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Estimativa da População em situação de rua no Brasil**. Brasília: Ipea, 2022.

LIMA, Edvaldo P. Páginas Ampliadas: o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Barueri, SP: Editora Manole, 2009. E-book. ISBN 9788520442340. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520442340/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; DA SILVA, Marcia. Livro de repórter: percurso de pesquisa e formulação do conceito. In: _____. Livro de Repórter: autoralidade e crítica das práticas. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019, p. 23–48.

Mackenzie, Catriona, Wendy Rogers e Susan Dodds (eds), *Vulnerabilidade: Novos Ensaios em Ética e Filosofia Feminista*, Estudos em Filosofia Feminista (Nova Iorque, 2013; edn online, Oxford Academic, 23 de janeiro de 2014)

Orientações técnicas: Centro de Referência Especializado para população de rua – Centro Pop. SUAS e a População de Rua. SUAS e População em Situação de Rua. Vol. 03, Brasília. 2011.

SIMAS, Luis Antônio. Áfricas. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p, 29-31.

